

PESQUISADOR DEBATE TESE DE “CINEMATOGRAFIA- ATRAÇÃO”

Autor do livro *Du littera i re au filmique: système du récit* (Paris: Meridien, 1989) e outros trabalhos de destaque no campo da história e teoria do cinema, o professor e pesquisador da Universidade de Montreal (Canadá), André Gaudreault, esteve no Brasil no semestre passado para uma série de palestras onde expôs sua tese de uma “cinematografia-atração”, correspondente ao que se convencionou chamar período inicial do cinema, aproximadamente entre 1895 e 1910. Ou seja, da primeira exibição pública do cinematógrafo Lumière, em Paris, à ascendência do cinema narrativo e institucional – ao cinema comercial que assistimos hoje, dos filmes de cerca de duas horas que contam uma história de forma linear. Gaudreault cumpriu um *tour* com sua palestra “O cinema dos primeiros tempos ou a ‘cinematografia-atração’”, a partir da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), falando, em seguida, para pesquisadores das universidades federais de Goiânia, de Brasília, Rio de Janeiro e da Bahia.

O tipo de cinema que se praticava na virada do século XIX para o XX era sensivelmente diferente daquele a que estamos acostumados hoje,

diz Gaudreault. Nos filmes dos irmãos Auguste e Louis Lumière, da Edison Co., da Pathé Frères ou da Star Film de Georges Méliès, por exemplo, a curiosidade ou espetáculo visual – em suma, a “atração” – tinha privilégio sobre a narrativa. Nessas obras, a cor, os efeitos de truagem, a performance de dançarinas, mágicos ou fisiculturistas eram os verdadeiros atrativos, com prioridade sobre o enredo ou a própria maneira de se contar uma história. Gaudreault discorre, com erudição, a respeito dos instrumentos ópticos que precederam o cinema e analisa em profundidade filmes de Edison, Méliès e Lumière, no sentido de provar que a “cinematografia-atração” herda uma “circularidade narrativa” em conformidade com a tecnologia e modo de exibição cinematográfico de sua época. Para o teórico canadense, o conceito de “cinematografia-atração” permite dois movimentos fundamentais: 1. distinguir claramente o período inicial da “cinematografia”, anterior ao do “cinema” tal como o conhecemos, e 2. dar uma identidade e esse período, não só técnica como estética.

TRUQUES VISUAIS Além disso, Gaudreault demonstra que, ao contrário do que pensavam os historiadores clássicos, os primeiros tempos da cinematografia não foram nada pobres ou rudimentares em termos de montagem. Baseando-se numa pesquisa minuciosa de películas, o pesquisador prova que uma porcentagem razoável dos filmes de Georges Méliès, e mesmo das “atualidades” ou tomadas ao vivo dos irmãos Lumière, apresenta fragmentação

decorrente de artifícios como a parada de câmera ou a superposição, o que contraria a velha noção de que, nos primeiros tempos do cinema, praticamente não havia montagem. Um filme como *Le diable noir* (1905), de George Méliès, ótimo exemplo de uma “cinematografia-atração” baseada em truques visuais, revela uma montagem complexa quando analisado por Gaudreault, ainda que muito diferente da montagem clássica que viria a se consolidar anos depois, por meio da obra de realizadores como o americano D.W. Griffith. Em comparação a *Le diable noir*, no mesmo ano de 1905, *Rescued by Rover*, filme da Hepworth Co., já apontaria o caminho de um cinema narrativo.

Por fim, Gaudreault aponta que o conceito de “cinematografia-atração” não se refere a um “cinema primitivo” que meramente precedeu o “cinema-instituição” que conhecemos hoje. Segundo o professor canadense, a “cinematografia-atração” é uma vocação do cinema que coexiste, até hoje, com o cinema narrativo que foi se impondo como dominante, por volta de 1910. A “cinematografia-atração” está embutida em inúmeros filmes da atualidade, sobretudo nos de ação ou ficção científica, como as séries de James Bond ou *Guerra nas Estrelas*. Enfim, essas duas grandes forças do cinema, a atração e a narração, se complementam no decorrer do tempo, o passado e o presente se reciclam para o futuro, e a arte e técnica do cinema continuam a girar, como numa roda de praxinoscópio.

Alfredo Luiz Paes de Oliveira Suppia